

Pasta 25 - Dominicanos.  
Frei Betto

Capa (8)  
Político

Residência Taradente, cele 7, SP, per 22/70

Meu caro Dr. Allen,

Conheço-me por da mesma maneira: pelas jor-  
nais. Desde que ingressei na Ação Católica, em 1958, acon-  
teceu os seus artigos em prol desse direito natural e fun-  
damental do homem, do qual encontro-me privado: a li-  
berdade. Li alguns dos seus livros, assisti conferências que  
o sr. proferiu no Rio, em BH e em SP. Não tenho dúvida  
de que o Espírito fala ao seu espírito.

De contrabando chegou-me às mãos há pouco  
um artigo do sr. publicado no "jornal do Brasil": "O sino  
e o ar". Para nós, cristãos, padres e religiosos prós aqui,  
representa um apoio consolador. Sua intelecção do movimento  
da Tejeira é feliz. O ar rodeia o sino e impulsiona  
do lado fora do Espírito. Ele sopra onde quer, em quem quer.  
Ninguém sabe de onde vem, para onde vai. Longamos em que  
ele nos conduza pelo caminho de desiquis redentor do Pai.

O humilde pesquisativo que durante a sacração do  
novo abade de São Bento, naquela local onde nasceu e cresceu  
o movimento litúrgico, o sr. tenha pensado "nos padres prós,  
nos dominicanos perseguidos..." Três fenômenos marcam  
na Tejeira um novo século: a renovação ecgética ou mo-  
vimento bíblico, o movimento litúrgico e a Ação Católica.  
Todo nós, os sete dominicanos prós, vivemos da Ação Cató-  
lica. O movimento litúrgico que nasceu de vocação os bene-  
ditinos. A AC endereçou as vocações religiosas aos domini-  
canos. Mas vivemos marcados pela sensibilidade social, pela  
visão evolucionária da História, pela consciência de respon-  
sabilidade neste país de injustiça e opressão. Procuramos ser  
prós aos "vivos do tempo" e à nova geração empurrada na

luta pela justiça.

O sr. escreve ainda que "aquela cerimônia... não teria sentido algum e não deveria, ao mesmo tempo, no fundo dos cárceres os que sofrem por amor da justiça, e em tantos lares o rego da dúvida e a angústia do futuro." Bem isso em comum. Com que sentido a liturgia é tão ligada ao que se quer esquecer? Creio que foi na prisão, onde estamos proibidos pela autoridade militar de celebrar a santa missa, que vim a descobrir o sentido profundo e atual da Eucaristia. É o sacramento da unidade instituído por Cristo à véspera de sua prisão. "Tomai e comei, isto é o meu corpo; tomai e bebei, isto é o meu sangue; fazei isto em minha memória". Ao repetir este gesto na missa o sacerdote atualiza o sacrifício de Cristo que se prolonga em todos aqueles que dão o seu corpo e sangue pela redenção de seus irmãos. Nos ensinava que, à exemplo de Cristo, devemos dar o nosso corpo e o nosso sangue. É como se Jesus nos dissesse: "Eu derramei o meu sangue por vocês. Vocês devem fazer o mesmo por seus irmãos. Assim estaremos unidos num só sacrifício redentor através da História".

Nesse sentido, comungar é identificar-se. Sob a forma do testemunho e da presença de Cristo na Eucaristia, repetir o mesmo gesto máximo da caridade. O cristão que comunga não se recebe o corpo de Cristo, mas manifesta a si mesmo naquela direção ensinada por Ele. Só que este movimento não é obrigação dos cristãos, é dom divino concedido a muitos, a companheiros nossos, muitos sem se, dispostos a se sacrificarem pela justiça. Na prisão aprendi-se que a santidade é muito mais comum e autêntica do que supomos. A graça penetra bem mais a fundo do que vemos.

Muito dos dominicanos, estão presos aqui um Jesus

ta e dois padre. secular. Todos nos foram física e psicológicamente torturados e obrigados a assinarmos depoimentos forjados pela polícia. Soprano o diabo: "pan-de-azara", choques elétricos, raios, portapê, além de vexames morais como o de ver um delegado trajando paramentos, de metralhado rir em quintos, ridicularizando a Igreja. A polícia aproveitou para levantar um verdadeiro processo de Igreja através de nós. Queriam saber quem é quem na Igreja do Brasil, donde vem o dinheiro da CPBB, quem são os amantes de D. Helder, etc.

Agora, após passarmos um mês incomunicáveis, tivemos nossas prisões preventivas decretadas e estamos sob custódia da justiça militar. É no mundo inteiro a situação de terror e insegurança em que vivemos. Estima-se com mais 300 presos políticos, só na nossa cela (com capacidade para 20) são 50 (muitos dormem no chão). Contam-se nos dedos os que não foram torturados. A comida do presídio, como aspiramos um delegado do DEOPS, não se oferece nem a animais. Somos obrigados a preparar nossa própria alimentação, o que ouzava nossa família. Sem falar das famílias que passam graves dificuldades porque seus chefes estão presos.

Só para ilustrar a situação em que vivemos: há pouco mais de uma semana frei Tito de Almeida Lima foi levado para nova interrogatório na "Operação Bandeirante" (Polícia do Exército). Ontem sabemos que ele foi novamente torturado no "pan-de-azara" com choques elétricos e que havia "tentado o suicídio" cortando os pulsos. Levado ao Hospital Militar recebeu tranqüilizantes de sangue e já está fora de perigo. Levaram-no de volta à prisão do Exército. Como o ministro apostólico esteve vindo visitar-nos ontem (tema recebido todo o apoio dele e do episcopado brasileiro); pedimos que fosse ver como estava frei Tito. Não conseguiu, tendo sido barrado no Exército. Não

deixará que frei Tito reciba qualquer visita enquanto não desparecerem as marcas da tortura. É o costume. Não que conheçamos bem a ele e à polícia do Brasil, sabemos que frei Tito jamais seria capaz de um gesto desajustado. É jovem, tem grande força física e moral. Certamente tentaram "municia-lo", como já ocorre a outros e então bateram-lhe de arrancar sangue.

Este é um caso entre centenas. É o retrato da regime em que homens nem mulheres de idade escapan à tortura. Mas o sr. já deve estar a par disto, não vou prolongar-me.

Embora processados por atividades políticas, sofre nos municípios religiosos. Foi proibido de celebrar missa, três estudantes dominicanos impedidos pela auditoria de renovar seus votos religiosos, conforme o Trejo exige.

Resta-nos saber quem tem o direito de nos suspender de or-  
dens: a autoridade militar ou a autoridade eclesástica?  
O juiz alega que a proibição religiosa seria "uma promo-  
ção aos dominicanos". De-de quando renovar a opção pela  
vida religiosa é uma "promoção" oferecida ao estado brasilei-  
no? Estamos sendo religiosamente punidos por que? Nada  
está provado contra nós, nem nenhum termo culpa formada.  
Tais medidas só se justificam num regime que persegue  
o Trejo. Os dominicanos que deveriam renovar os votos no  
dia 11 de gov. são os frei. Tito é Alencar Lima, Roberto Romo-  
ne e frei do mural Herbanyim.

Apenas de tudo, estamos felizes pela graça de vermos a  
presença da Igreja nos cárceres. Nosso sofrimento não é iní-  
til. Identificamos nos cárceres milhares de prisioneiros anô-  
nimos, imagem viva de Jesus Cristo. Quando os salmos são  
recitados, em conjunto, lembramos ao Senhor pela graça de  
brilhar o nome de Jesus Cristo de seu Filho, que foi perseguido,  
preso, torturado e condenado pela nossa redenção. Aqui apenas

denos a "ser humildade diante da vida" como nos diz Trótski de grande coragem, pois aqui também. É a oportunidade que temos de nos preparar para a Torre dos polícias e opressão. Se a tortura nos humilha, ela também nos dignifica, segundo a ética da fé que nos ensina que o caminho da glória é ser o último dos homens. Só o mistério do Calvário nos faz compreender o que significa, diante de Deus, ser despendurado em como preso no esatadoro.

Desulpe Dr. Allen este desabaço. Eu lhe escrevo aqui mas para agradecer aquele artigo. Vou quero lhe prometer que a Torre de certo pela "humana gentium", agitada por distâncias como se, está em gestação entre essas grades. Não é obra ou espírito novo. É uma realidade viva que nos impõe novas exigências.

Reze pelos que neste país lutam pela justiça, pela vida política e sua família, pelo que morrem nas torturas, pelo frei Tito. O Brasil precisa de um novo espírito. Ele é a garantia de uma liberdade interior que ninguém pode arrancar de nós.

Proximamente à prisão, na expectativa alegre da liberdade,  
pela tirana, um grande abraço,

Frei Betto

PS: (dia 24): soube no hoje que frei Tito foi novamente torturado na "Operação Bandeirante": espancado como um cavale, das 9 da manhã às meio-dia e das 3 da tarde à meia-noite. De respirado, cortou os pulsos, em busca da morte (em certos momentos, ele parecia desejá-lo a todos os torturados). Agora ele está no Hospital Militar, com o corpo todo marcado de pancadas e choques elétricos. É importante que este fato seja divulgado. Quem é o responsável?

PS: não é bom que se saiba que lhe escrevi. Para voltar a ser torturado por isso.

Ver um homem de idade avançada  
renascer de novo  
na juventude do Espírito  
ou a alegria de uma monja  
sorriso dilatado em liberdade  
dentro do claustro  
é sinal de que a loucura de Deus  
confundiu a sabedoria dos homens.  
No pequeno presépio de Belém  
nasceu pobre  
aquele no qual tudo subsiste.

*Frei Ratto*  
Natal 74.

Penitenciária Regional de Presidente Venceslau

maio 10/73

"Por Ele seprems a ponto  
de ser acorrentado como malfeitores.

Mas a palavra de Deus não está presa!

(2 Tim. 2, 9)

É o que importa. Só isto  
importa.

Obrigado, Dr. Aileen,  
muito obrigado,

Frei Betto  
Frei Ivo  
Frei Fernando

Senhor, quando olhados para os que nos aprisionaram, e para aqueles que à tortura nos entregaram; quando pesares as ações de nossos carcereiros e as pesadas condenações de nossos juizes; quando julgares a vida dos que nos humilharam e a consciência dos que nos rejeitaram,

Esquece, Senhor, o mal que porventura cometeram.

Lembra, antes, que foi por este sacrificio que nos aproximamos de teu Filho crucificado: pelas torturas, adquirimos as suas chagas; pelas grades, a sua liberdade de espirito; pelas penas, a experiencia de seu Reino; pelas humilhações, a alegria de seus filhos.

Lembra, Senhor, que desse sofrimento brotam em nós, qual semente embogada que germina, o fruto da justiça e da paz, a flor da luz e do amor.

Mas lembra, sobretudo, Senhor, que já mais queremos ser como eles nem fazer ao próximo o que fizeram a nós.

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.

Vitória, agosto 29/76

Meu caro Dr. Alceu,

Enio Silveira está disposto a editar, até o fim deste ano, a coleção de minhas cartas do cárcere, pela Civilização Brasileira. Não sabemos como reagirá a censura, mas ele está disposto a arriscar e, de minha parte, creio que nada tenho a perder; pelo contrário, quanto mais as cartas são divulgadas, mais me sinto protegido. Além de publicadas na Itália, França, Alemanha, Holanda, Suécia e Argentina, foram lançadas agora na Espanha e encontram-se no prelo nos Estados Unidos.

No Brasil o editor quer manter o mesmo título da edição italiana: "Nos Subterrâneos da História". Eu disse a ele que guardo pelo sr., dr. Alceu, uma gratidão enorme, mormente por ter sido o único a escrever, em nosso país, sobre as cartas. "Documento para Amanhã", publicado no JB, em 73, me deixa até hoje emocionado. Portanto, gostaria imensamente que o sr. fizesse o Prefácio desta edição nacional. A coleção das cartas, de 69 a 73, o sr. já tem em mãos, pois aí deixei quando fui visitá-lo. O texto do Prefácio pode ser entregue diretamente ao Enio ou enviado a mim (na 1ª hipótese, gostaria de receber uma cópia).

As Vozes já têm em mãos também uma coletânea de cartas de frei Fernando, frei Ivo e minhas, exclusivamente teológicas, ou, a vida cristã hoje. Por título tomamos emprestado o do artigo que o sr. escreveu em nossa defesa durante o período de greve de fome: "O Canto na Fogueira". Carlos Mesters fez um magnífico Prefácio. ~~Ele~~ Deverá sair na Páscoa do ano vindouro.

Continuo meu trabalho aqui na pastoral de Vitória, servindo como posso ao povo de Deus, à gente simples principalmente. Sou feliz. Envie por mim um grande abraço à irmã Maria Tereza.

Ao sr., toda a minha amizade,

*Dr. Bello*

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.

Vitória, outubro 26/76

Caríssimo dr. Alceu, meu irmão,

Estou à espera do texto do prefácio e não terei receio de apontar qualquer correção que julgue importante. Quanto ao que lhe disse sobre meu endereço devo dizer que não me oponho a que seus amigos saibam onde me encontro. Alvaro Milanês será muito bem recebido quando me procurar. Pe. Libanio, jesuíta, além de meu primo é íntimo amigo. O que procuro evitar é ficar chamando atenção para o local em que me encontro - não por razões pessoais - mas para que não confundam o trabalho dessa Igreja de Vitória como a minha presença aqui. Para mim não há nenhum inconveniente que as cartas sejam divulgadas, que o meu nome seja citado, na medida em que isso servir para a causa do Senhor Jesus. Alguns amigos insistem mesmo que a memória dessa paixão que se prolonga no corpo da Igreja seja permanentemente lembrada, para que o sistema dominante não continue a cobrir-se de mentiras. Creio que aí está mesmo a raiz da celebração diária do sacrifício do Senhor - assassinado em Jerusalém, capital da Judéia, no ano 1 de nossa era, por força da condenação dos poderes constituídos.

Devo dizer que a honra é minha de ter as cartas prefaciadas pelo sr., a quem sempre admirei e acompanhei em minha vida. Quando dirigente da JEC em Belo Horizonte, por volta de 1960, tive o prazer de recebê-lo para uma conferência proferida no auditório da Secretaria de Saúde, durante a Semana do Estudante. Temos depois quando me encontrava na direção nacional da Ação Católica (62-64), tivemos breves contatos com o sr. na sala do Centro D. Vital - se não me falha a memória, na rua México. Seu primeiro livro que li foi "Juventude, Sexo e Tempo" e nesses anos acompanho entusiasmado seus artigos no JB. Portanto, existe entre nós uma cumplicidade na graça libertadora. Para o sr. as coisas começaram relativamente tarde, já na fase adulta, e se prolongam nessa juventude permanente. Para mim o engajamento e a militância cristã começaram cedo demais, aos 13 anos, e aos 15 eu já era dirigente da União dos Estudantes de BH - e aos 30 eu trazia a sensação de já ter vivido 300, sem porém conhecer o cansaço e o desânimo. Agora não sei quanto durará para mim o futuro cronológico. Confesso-lhe que hoje desfruto de certa familiaridade com a morte, essa parteira do amor que, por uma cesariana, nos arranca do ventre da história para nos jogar nos braços da Vida que não conhece o caso. Talvez isso seja reflexo dos anos em que convivi intimamente com ela, vendo-a ceifar vidas precoces na forma brutal da tortura. Curioso é que hoje tenho mais alegria em viver, como alguém que esteve doente e agora reconhece melhor o valor da saúde. Mas tento não buscar outra segurança, senão a união com o Pai mediatizada pela união com os mais pobres - pois um revela o outro.

Abraço-o no Senhor que agoniza na dor de nossa gente,

*Tristão*

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE

C.A.A.L.L.

Vitória, outubro 29/76

Caríssimo dr. Alceu, meu irmão,

Agradeço emocionado o prefácio escrito pelo sr. com tanta profundidade, riqueza e afeto. É um belíssimo texto sobre os caminhos de duas gerações cristãs, a do sr., influenciada por Léon Bloy, e a minha, inspirada inicialmente por Emmanuel Mounier. Gostei imensamente de suas palavras, pois souberam captar, tão bem, o significado do histórico e eclesial de nossos anos de prisão. Creio poder dizer isto sem pretensão, uma vez que não foi escolha minha estar lá dentro. Daí uma certa imunidade que conservo diante dos louvores tecidos sobre as cartas: sei quanta dor cada linha encobre e quanto sofrimento não foi possível registrar a fim de que a esperança que nos animava pudesse ultrapassar, em forma epistolar, as grades e os muros que nos cercavam.

Essas cartas são o que são. Como observa o sr., não foram escritas para serem divulgadas. Brotaram de um coração sedento de justiça. Hoje já não me pertencem e nem a seus destinatários. Fazem parte da memória da paixão brasileira. Meu papel ao redigi-las foi o de registrar os acontecimentos, como o faz um correspondente de guerra. A notícia, o fato em si e a sua repercussão sobre a opinião pública, é bem mais importante do que aquele que serve de simples intermediário entre o fato e o público.

Quanto às observações que o sr. me permite fazer ao texto, tomo a liberdade de indicar fraternalmente as seguintes:

- na pag. 1: "Conto de Fados" - não seria de fadas? o termo "fados" é repetido na p. 6, daí minha dúvida. "brasileirinhos" - preferiria "jovens brasileiros", a fim de evitar que, no ambiente eclesiástico, nossa experiência seja "espiritualizada", por força de certo vocabulário afetoso, como se fez com a cruz de Jesus. "inúteis palavras": suas palavras, dr. Alceu, não são de modo algum inúteis.
- na pag. 3: "volume de autoria destes quatro jovens" - num certo sentido sim, pois todos nós vivemos o que é relatado nas cartas. Mas estritadamente falando, as cartas a serem editadas pela Civilização Brasileira foram redigidas por mim. As cartas de Ivo e Fernando serão publicadas pela editora Vozes, no próximo ano. "por uma traição" - não fomos entregues às mãos da polícia por força de uma traição, como foi noticiado na época. Houve um longo processo de investigação no qual as peças do quebra-cabeça foram sendo montadas até que chegassem até nós. Seria injusto atribuir a este ou aquele preso político a causa de nossa prisão.

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.

- na pag. 4: "adolescentes burgueses" - não sei se aí cabe bem este adjetivo, uma vez que o sofrimento causado pela repressão caiu também sobre muitos jovens operários e camponeses. Mesmo entre os nossos, frei Fernando e frei Tito são de famílias simples, que não podem ser tidas como burguesas.

Quanto as edições das cartas: além da italiana e da francesa ("Erig "L'Eglise des Prisons"), já estão publicadas as edições sueca, alemã, holandesa e espanhola (na Argentina e na Espanha). Encontra-se no prelo a edição norte-americana.

- na pag. 5: a greve de fome durou exatamente 33 dias, pelo que consta a mais longa já feita no país. Nenhum companheiro recuou dessa atitude, embora tenham tentado nos fazer comer sob tortura e pressões. Com ela conseguimos a garantia de manter os políticos juntos no mesmo presídio, bem como cessar as inúmeras transferências. Pessoalmente, estive em 8 cárceres diferentes durante os 4 anos, sendo que 2 anos entre presos políticos, e 2 anos entre presos comuns - e na mesma condição deles.

Talvez a expressão "alma por fora do corpo" dê a idéia de um distanciamento entre a alma e o corpo. A sensação foi exatamente esta, na medida em que consigo descrevê-la: empiricamente sentimos nosso espírito dentro do corpo. Oito dias depois de completo jejum, só bebendo água, o instinto de sobrevivência provocou uma fortíssima reação em meu organismo, que reagia à ameaça de morte, e em minha razão, que buscava pretextos para justificar um recuo. Durante 4 dias estive mergulhado na mais profunda noite. Até que consegui dar o salto, no 12º dia, aceitando morrer por aquela causa. A partir daí senti que a relação corpo-espírito se invertia: agora era o espírito que envolvia o corpo. Experimentei então uma lucidez, uma clarividência, como se todas as coisas estivessem luminosamente transparentes. Senti que, se morresse, não seria eu a morrer: apenas a minha totalidade humana se desprenderia daquele corpo que definhava num leito de prisão - e eu estaria livre de todos os limites que nos separam na eternidade. Foi um prenúncio de ressurreição. Os companheiros não-cristãos, segundo me contaram, sentiram algo semelhante.

A carta sobre "Quem são os santos hoje" e aquela em que compare o catolicismo francês ao espanhol, não sairão pela Civilização. Estarão no volume a ser publicado pelas Vozes.

Por fim, o termo "dejeto", aplicado aos presos comuns, me parece muito forte. Dejeto é o sistema social que os criou.

Desculpe enumerar todas essas observações. Mas o profundo significado que tem para mim este prefácio assinado pelo sr., e a intimidade da Graça que nos une, me deixam à vontade.

Cheio de gratidão, abraça-o este irmão menor,

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.

*Ritto*

novembro 17/76

Meu caro dr. Alceu,

Não abuse de sua juventude! Aos 83 anos creio que os homens estão mais aptos a dirigir a história do que automóveis. Lamento que o senhor não tenha conseguido dar o seu voto à oposição. Por isso mesmo faço votos à sua pronta recuperação - ainda mais por serem esses os meus únicos votos, já que estou incluído no rol dos casados. (Restam-me também os votos religiosos, mas estes não posso dar a ninguém; ao contrário, é por eles que me dou aos outros e ao Pai).

Meus pais e eu gostamos imensamente do encontro que tivemos com o senhor e dona Maria Tereza, em Ouro Preto. Ficamos admirados com a boa disposição do casal e com a alegria que os habita. Dias depois estive no Grêmio Literário Tristão de Athayde e percebi o quanto a sua presença foi marcante para eles. Sobretudo o que mais impressionou ao Tarquiniã e a mim foi ver que os membros do Grêmio são, em maioria, jovens oriundo de nossas classes populares, gente que estuda e trabalha.

Soube que o Ênio está viajando. Portanto, suponho que ele ainda não tenha recebido o prefácio. Mas passando pelo Rio, em princípios de dezembro, espero falar com ele.

Carlos <sup>meu</sup>esters e eu apareceremos em sua casa entre os dias 4 ou 5 de dezembro.

Lembranças à Tuca e à dona Maria Tereza. No Senhor que ressuscita na esperança do povo, meu abraço irmão,

*Tristão*

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.

Vitória, maio 27/77

Meu caro Dr. Alceu,

Continuo acompanhando, entusiasmado (no sentido etimológico dessa palavra), os seus artigos no JB. Foi providencial a publicação de trechos do livro de D. Pedro, cuja íntegra provavelmente sairá pelas Vozes. Ênio Silveira me disse, pessoalmente, que havia escrito a ele pedindo autorização para lançar o livro, mas parece que a preferência seria dada "à prata da casa"...

O sr. deve ter lido nos jornais da semana passada a notícia de que o bispo de Conceição do Araguaia, D. Estevão Cardoso de Avelar, foi enquadrado no artigo 39 da Lei de Segurança Nacional. Na minha opinião, este fato é muito mais grave do que toda a polêmica levantada pela atitude policialesca de B. Sigaud - e, no entanto, não mereceu destaque. Trata-se de fato inédito em nossa história: um bispo enquadrado num artigo que prevê, como pena máxima, a morte por fuzilamento! Gostaria muito que o sr. pudesse escrever algo a respeito disso. D. Estevão - que foi meu mestre (padre-mestre), quando estudante em S. Paulo - é um homem profundamente evangélico, de saúde frágil, que participa diretamente da paixão de seu povo. D. Alano foi indiciado como testemunha. Os dois foram interrogados durante 3 dias.

O livro de cartas sairá pela Civilização, apresentado pelo seu magnífico prefácio, nos primeiros dias de junho. Faço votos que não tenhamos surpresas com aqueles que temem a luz num tempo de trevas...

Rezemos sempre um pelo outro.

Abraço aos seus, à D. Maria Tereza e à Tuca, ao senhor, com toda a admiração, gratidão e amizade do

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.

pr. Bello

Quinta-feira, 13 de outubro de 1977 - Vitória

Meu caro dr. Alceu

Envio-lhe os POEMAS DO POVO DA NOITE, redigidos em ânsias de justiça e sede de amor por Pedro Tierra. O autor, cujo verdadeiro nome é Hamilton Pereira, esteve preso por motivos políticos durante 4 anos, até o início do corrente, em S. Paulo. Atualmente, casado, ele trabalha em atividades pastorais, em Goiás. O senhor, na qualidade de crítico literário e de profeta da esperança, saberá apreciar estes cantos de libertação. Alguns desses poemas já foram editados na Itália.

Soube que Ivo ficou profundamente tocado pela sua compreensão diante da decisão que ele assume de se laicizar. De minha parte, confio plenamente na docilidade de Ivo aos desígnios de Deus. Sua opção foi refletida com muito cuidado, reforçando seu projeto de servir ao povo como teólogo.

Enio Silveira se prepara para lançar em livro o meu opúsculo ORAÇÃO NA AÇÃO. O senhor deve ter recebido o exemplar que lhe enviei, tão logo foi publicado como suplemento do CEI.

Eu gostaria muito de poder abraçá-lo na noite do dia 11 de dezembro. E celebrar, mesmo numa fatia de bolo, a comunhão que nos une. O senhor estaria em Petrópolis?

Minhas lembranças à Tuca e à D. Maria Tereza.

Um forte abraço de seu irmão,

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.

Vitória, outubro, 24/77

Meu caro dr. Alceu,

Por coincidência, estarei em S. Paulo no dia 11 de dezembro, participando de um encontro do Secretariado Nacional da Não-Violência. Gostaria de saber o endereço ou telefone da Tuca, a fim de poder me comunicar com ela tão logo chegue lá.

Muitas pessoas consideram significativo o nosso encontro em CARTAS DA PRISÃO, cuja terceira edição sairá em princípio de dezembro. Nessa mesma data, a Civilização estará lançando meu RRR ORAÇÃO NA AÇÃO, com prefácio de meu primo, o jesuíta João Batista Libânio.

Acompanhe com admiração seus artigos no JB. O Pai faz do senhor testemunha da jovialidade do Espírito naqueles que O acolhem.

Lembranças à d. Maria Thereza. Ao sr., o abraço fraterno do,

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C. A. A. L. L.





Vitória, maio 17/78

Meu caro dr. Alceu,

Já lhe enviei, pela editora, as primeiras cartas de prisão, no volume intitulado DAS CATACUMBAS. O CARTAS já está na 4a. edição. Felizmente, os livros estão fazendo bem a muitas pessoas.

Em vista da solicitação que lhe tenho a fazer, sou obrigado a quebrar o que, sem dúvida, seria uma agradável surpresa: em comemoração aos seus 85 anos (que maravilhoso dom do Pai!), a Civilização Brasileira pretende lançar, no fim do ano, uma edição especial de sua revista. Para não desfazer toda a surpresa, não revelo a pauta. Porém, coube-me entrevistá-lo. O foco central da entrevista, para não repetir outras como a do "Pasquim", seria a conexão entre a sua vida de fé e a sua postura política. Como essa síntese, com toda a tensão que, dialeticamente, ela carrega, se opera em sua vida. Eu gostaria de fazê-la com calma, talvez em duas ou três vezes, se for o caso. Tenho disponibilidade entre os dias 12 a 16 de junho. Para mim tanto faz ser no Rio ou em Petrópolis. Como o sr. preferir.

Aguardo sua comunicação sobre - caso nada tenha em contrário - data, local e hora. Peço-lhe o favor de fazer a carta anexa chegar às mãos de irmã Maria Teresa. Rezemos um pelo outro. Abraços a D. Maria Teresa e, ao sr., a amizade agetuosa do

ACERVO ARQUIVO  
*Tristão* TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.

PADRES DOMINICANOS - RUA CAIUBÁ, 126 - PERDIZES - CAIXA POSTAL 7173 - SÃO PAULO

S. Paulo, 13 de março de 1981

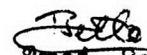
Meu caríssimo Dr. Alceu,

Lula ficou feliz com sua carta, tão solidária e amiga. Muitos não entenderam o não comparecimento de les no julgamento. Ora, o juiz faltou ao decoro, não comunicando a advogados e réus a data do julgamento - o que só foi feito na tarde da véspera da abertura do tribunal. Dia seguinte, a audtória encontrava-se cercada por centenas de policiais armados e soldados ocupando as ruas. Como fingir que nada disso influi no julgamento e comparecer com se nada houvesse? Como continuar aceitando as regras arbitrárias dos tribunais militares, em desrespeito à tradição judiciária? Estou convencido que o futuro haverá de entender melhor o gesto desses rapazes.

Meu ~~xxxxxx~~ endereço, aqui no convento, é:  
rua Caiubi 126 - Perdizes  
05010 - S. Paulo - Capital Tel: (031) 62-2324.

Espero que o sr. tenha apreciado meus livros "Nicarágua Livre" (especialmente o último capítulo) e "O que é Comunidade Eclesial de Base". Deixei-os à rua Paissandu.

Abraços à D. Maria Thereza e à nossa querida abadessa. Um união de oração e profunda amizade,

  
Frei Betto

Ps: acaba de sair a 5ª edição de  
nosso "Cartas da Prisão."

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.

S. Paulo, 28 de março de 1981

Meu caríssimo Dr. Alceu

Agradeço-lhe, comovido, os artigos referentes a meus livros sobre Nicarágua e as comunidades eclesiais de base. Peço ao Pai estar sempre à altura da fraterna confiança que o senhor deposita neste pobre servo das esperanças do Reino.

Ando preocupado com o processo dos sindicalistas do ABC. Temo que sejam condenados no STM e conduzidos ao cárcere. Talvez o sr. possa dizer uma palavra a esse respeito, considerando a impunidade dos atentados terroristas, dos Tieppos e de tantos criminosos à solta neste país. O único "crime" desses operários foi serem coerentes com o mandato sindical que receberam de sua categoria profissional, defendendo seus direitos até o sacrifício da própria liberdade. Estou informado de que o gal. Golbery tem repulsa pessoal ao Lula - certamente por ter sido a única pessoa a furar sua reformulação partidária, criando um partido a partir das bases, sem necessitar de parlamentares como os demais.

Amigo pessoal de Lula, não participo do PT, pois sou e quero ser apenas um homem de Igreja. Mas torço por todos aqueles que lutam por mais liberdade e justiça, independente de sua tendência partidária.

Meu abraço afetuosos ao sr., à D. M. Thereza e à nossa querida abadesa. Seu

Frei *Bello*

ACERVO ARQUIVO  
TRISTÃO ATHAYDE  
C.A.A.L.L.